

ARTE E CULTURA:



Produção, Difusão e Reapropriação

2

Ezequiel Martins Ferreira
(Organizador)

ARTE E CULTURA:

Produção, Difusão e Reapropriação

2

Ezequiel Martins Ferreira
(Organizador)

Atena
Editora
Ano 2021

Editora ChefeProf^a Dr^a Antonella Carvalho de Oliveira**Assistentes Editoriais**

Natalia Oliveira

Bruno Oliveira

Flávia Roberta Barão

Bibliotecária

Janaina Ramos

Projeto Gráfico e Diagramação

Natália Sandrini de Azevedo

Camila Alves de Cremona

Luiza Alves Batista

Maria Alice Pinheiro

Imagens da Capa

Shutterstock

Edição de Arte

Luiza Alves Batista

Revisão

Os Autores

2021 by Atena Editora

Copyright © Atena Editora

Copyright do Texto © 2021 Os autores

Copyright da Edição © 2021 Atena Editora

Direitos para esta edição cedidos à Atena Editora pelos autores.



Todo o conteúdo deste livro está licenciado sob uma Licença de Atribuição *Creative Commons*. Atribuição-Não-Comercial-NãoDerivativos 4.0 Internacional (CC BY-NC-ND 4.0).

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores, inclusive não representam necessariamente a posição oficial da Atena Editora. Permitido o *download* da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

Todos os manuscritos foram previamente submetidos à avaliação cega pelos pares, membros do Conselho Editorial desta Editora, tendo sido aprovados para a publicação com base em critérios de neutralidade e imparcialidade acadêmica.

A Atena Editora é comprometida em garantir a integridade editorial em todas as etapas do processo de publicação, evitando plágio, dados ou resultados fraudulentos e impedindo que interesses financeiros comprometam os padrões éticos da publicação. Situações suspeitas de má conduta científica serão investigadas sob o mais alto padrão de rigor acadêmico e ético.

Conselho Editorial**Ciências Humanas e Sociais Aplicadas**

Prof. Dr. Alexandre Jose Schumacher – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Paraná

Prof. Dr. Américo Junior Nunes da Silva – Universidade do Estado da Bahia

Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná

Prof. Dr. Antonio Gasparetto Júnior – Instituto Federal do Sudeste de Minas Gerais

Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília

Prof. Dr. Carlos Antonio de Souza Moraes – Universidade Federal Fluminense
Prof. Dr. Crisóstomo Lima do Nascimento – Universidade Federal Fluminense
Profª Drª Cristina Gaio – Universidade de Lisboa
Prof. Dr. Daniel Richard Sant’Ana – Universidade de Brasília
Prof. Dr. Deyvison de Lima Oliveira – Universidade Federal de Rondônia
Profª Drª Dilma Antunes Silva – Universidade Federal de São Paulo
Prof. Dr. Edvaldo Antunes de Farias – Universidade Estácio de Sá
Prof. Dr. Elson Ferreira Costa – Universidade do Estado do Pará
Prof. Dr. Elói Martins Senhora – Universidade Federal de Roraima
Prof. Dr. Gustavo Henrique Cepolini Ferreira – Universidade Estadual de Montes Claros
Profª Drª Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionale delle Figlie de Maria Ausiliatrice
Prof. Dr. Jadson Correia de Oliveira – Universidade Católica do Salvador
Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense
Profª Drª Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins
Prof. Dr. Luis Ricardo Fernandes da Costa – Universidade Estadual de Montes Claros
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Marcelo Pereira da Silva – Pontifícia Universidade Católica de Campinas
Profª Drª Maria Luzia da Silva Santana – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Pablo Ricardo de Lima Falcão – Universidade de Pernambuco
Profª Drª Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Rita de Cássia da Silva Oliveira – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof. Dr. Rui Maia Diamantino – Universidade Salvador
Prof. Dr. Saulo Cerqueira de Aguiar Soares – Universidade Federal do Piauí
Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande
Profª Drª Vanessa Ribeiro Simon Cavalcanti – Universidade Católica do Salvador
Prof. Dr. William Cleber Domingues Silva – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins

Ciências Agrárias e Multidisciplinar

Prof. Dr. Alexandre Igor Azevedo Pereira – Instituto Federal Goiano
Prof. Dr. Arinaldo Pereira da Silva – Universidade Federal do Sul e Sudeste do Pará
Prof. Dr. Antonio Pasqualetto – Pontifícia Universidade Católica de Goiás
Profª Drª Carla Cristina Bauermann Brasil – Universidade Federal de Santa Maria
Prof. Dr. Cleberton Correia Santos – Universidade Federal da Grande Dourados
Profª Drª Diocléa Almeida Seabra Silva – Universidade Federal Rural da Amazônia
Prof. Dr. Écio Souza Diniz – Universidade Federal de Viçosa
Prof. Dr. Fábio Steiner – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Fágner Cavalcante Patrocínio dos Santos – Universidade Federal do Ceará
Profª Drª Girlene Santos de Souza – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Prof. Dr. Jael Soares Batista – Universidade Federal Rural do Semi-Árido
Prof. Dr. Jayme Augusto Peres – Universidade Estadual do Centro-Oeste
Prof. Dr. Júlio César Ribeiro – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Profª Drª Lina Raquel Santos Araújo – Universidade Estadual do Ceará
Prof. Dr. Pedro Manuel Villa – Universidade Federal de Viçosa
Profª Drª Raissa Rachel Salustriano da Silva Matos – Universidade Federal do Maranhão
Prof. Dr. Ronilson Freitas de Souza – Universidade do Estado do Pará
Profª Drª Talita de Santos Matos – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Tiago da Silva Teófilo – Universidade Federal Rural do Semi-Árido
Prof. Dr. Valdemar Antonio Paffaro Junior – Universidade Federal de Alfenas

Ciências Biológicas e da Saúde

Prof. Dr. André Ribeiro da Silva – Universidade de Brasília
Profª Drª Anelise Levay Murari – Universidade Federal de Pelotas
Prof. Dr. Benedito Rodrigues da Silva Neto – Universidade Federal de Goiás
Profª Drª Daniela Reis Joaquim de Freitas – Universidade Federal do Piauí
Profª Drª Débora Luana Ribeiro Pessoa – Universidade Federal do Maranhão
Prof. Dr. Douglas Siqueira de Almeida Chaves – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Edson da Silva – Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri
Profª Drª Elizabeth Cordeiro Fernandes – Faculdade Integrada Medicina
Profª Drª Eleuza Rodrigues Machado – Faculdade Anhanguera de Brasília
Profª Drª Elane Schwinden Prudêncio – Universidade Federal de Santa Catarina
Profª Drª Eysler Gonçalves Maia Brasil – Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira
Prof. Dr. Ferlando Lima Santos – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Profª Drª Fernanda Miguel de Andrade – Universidade Federal de Pernambuco
Prof. Dr. Fernando Mendes – Instituto Politécnico de Coimbra – Escola Superior de Saúde de Coimbra
Profª Drª Gabriela Vieira do Amaral – Universidade de Vassouras
Prof. Dr. Gianfábio Pimentel Franco – Universidade Federal de Santa Maria
Prof. Dr. Helio Franklin Rodrigues de Almeida – Universidade Federal de Rondônia
Profª Drª Iara Lúcia Tescarollo – Universidade São Francisco
Prof. Dr. Igor Luiz Vieira de Lima Santos – Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. Jefferson Thiago Souza – Universidade Estadual do Ceará
Prof. Dr. Jesus Rodrigues Lemos – Universidade Federal do Piauí
Prof. Dr. Jônatas de França Barros – Universidade Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. José Max Barbosa de Oliveira Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Prof. Dr. Luís Paulo Souza e Souza – Universidade Federal do Amazonas
Profª Drª Magnólia de Araújo Campos – Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. Marcus Fernando da Silva Praxedes – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Profª Drª Maria Tatiane Gonçalves Sá – Universidade do Estado do Pará
Profª Drª Mylena Andréa Oliveira Torres – Universidade Ceuma
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federacl do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Paulo Inada – Universidade Estadual de Maringá
Prof. Dr. Rafael Henrique Silva – Hospital Universitário da Universidade Federal da Grande Dourados
Profª Drª Regiane Luz Carvalho – Centro Universitário das Faculdades Associadas de Ensino
Profª Drª Renata Mendes de Freitas – Universidade Federal de Juiz de Fora
Profª Drª Vanessa Lima Gonçalves – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande
Profª Drª Welma Emidio da Silva – Universidade Federal Rural de Pernambuco

Ciências Exatas e da Terra e Engenharias

Prof. Dr. Adélio Alcino Sampaio Castro Machado – Universidade do Porto
Profª Drª Ana Grasielle Dionísio Corrêa – Universidade Presbiteriana Mackenzie
Prof. Dr. Carlos Eduardo Sanches de Andrade – Universidade Federal de Goiás
Profª Drª Carmen Lúcia Voigt – Universidade Norte do Paraná
Prof. Dr. Cleiseano Emanuel da Silva Paniagua – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Goiás
Prof. Dr. Douglas Gonçalves da Silva – Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia
Prof. Dr. Eloi Rufato Junior – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Profª Drª Érica de Melo Azevedo – Instituto Federal do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Fabrício Menezes Ramos – Instituto Federal do Pará
Profª Dra. Jéssica Verger Nardeli – Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho
Prof. Dr. Juliano Carlo Rufino de Freitas – Universidade Federal de Campina Grande

Profª Drª Luciana do Nascimento Mendes – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Marcelo Marques – Universidade Estadual de Maringá
Prof. Dr. Marco Aurélio Kistemann Junior – Universidade Federal de Juiz de Fora
Profª Drª Neiva Maria de Almeida – Universidade Federal da Paraíba
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Profª Drª Priscila Tessmer Scaglioni – Universidade Federal de Pelotas
Prof. Dr. Sidney Gonçalves de Lima – Universidade Federal do Piauí
Prof. Dr. Takeshy Tachizawa – Faculdade de Campo Limpo Paulista

Linguística, Letras e Artes

Profª Drª Adriana Demite Stephani – Universidade Federal do Tocantins
Profª Drª Angeli Rose do Nascimento – Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro
Profª Drª Carolina Fernandes da Silva Mandaji – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Profª Drª Denise Rocha – Universidade Federal do Ceará
Profª Drª Edna Alencar da Silva Rivera – Instituto Federal de São Paulo
Profª Drª Fernanda Tonelli – Instituto Federal de São Paulo,
Prof. Dr. Fabiano Tadeu Grazioli – Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões
Prof. Dr. Gilmei Fleck – Universidade Estadual do Oeste do Paraná
Profª Drª Keyla Christina Almeida Portela – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Paraná
Profª Drª Miraniide Oliveira Neves – Instituto de Educação, Ciência e Tecnologia do Pará
Profª Drª Sandra Regina Gardacho Pietrobon – Universidade Estadual do Centro-Oeste
Profª Drª Sheila Marta Carregosa Rocha – Universidade do Estado da Bahia

Conselho Técnico Científico

Prof. Me. Abrãao Carvalho Nogueira – Universidade Federal do Espírito Santo
Prof. Me. Adalberto Zorzo – Centro Estadual de Educação Tecnológica Paula Souza
Prof. Dr. Adaylson Wagner Sousa de Vasconcelos – Ordem dos Advogados do Brasil/Seccional Paraíba
Prof. Dr. Adilson Tadeu Basquerote Silva – Universidade para o Desenvolvimento do Alto Vale do Itajaí
Profª Ma. Adriana Regina Vettorazzi Schmitt – Instituto Federal de Santa Catarina
Prof. Dr. Alex Luis dos Santos – Universidade Federal de Minas Gerais
Prof. Me. Alexsandro Teixeira Ribeiro – Centro Universitário Internacional
Profª Ma. Aline Ferreira Antunes – Universidade Federal de Goiás
Profª Drª Amanda Vasconcelos Guimarães – Universidade Federal de Lavras
Prof. Me. André Flávio Gonçalves Silva – Universidade Federal do Maranhão
Profª Ma. Andréa Cristina Marques de Araújo – Universidade Fernando Pessoa
Profª Drª Andrezza Lopes – Instituto de Pesquisa e Desenvolvimento Acadêmico
Profª Drª Andrezza Miguel da Silva – Faculdade da Amazônia
Profª Ma. Anelisa Mota Gregoleti – Universidade Estadual de Maringá
Profª Ma. Anne Karynne da Silva Barbosa – Universidade Federal do Maranhão
Prof. Dr. Antonio Hot Pereira de Faria – Polícia Militar de Minas Gerais
Prof. Me. Armando Dias Duarte – Universidade Federal de Pernambuco
Profª Ma. Bianca Camargo Martins – UniCesumar
Profª Ma. Carolina Shimomura Nanya – Universidade Federal de São Carlos
Prof. Me. Carlos Antônio dos Santos – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Me. Carlos Augusto Zilli – Instituto Federal de Santa Catarina
Prof. Me. Christopher Smith Bignardi Neves – Universidade Federal do Paraná
Profª Drª Cláudia de Araújo Marques – Faculdade de Música do Espírito Santo
Profª Drª Cláudia Taís Siqueira Cagliari – Centro Universitário Dinâmica das Cataratas
Prof. Me. Clécio Danilo Dias da Silva – Universidade Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Me. Daniel da Silva Miranda – Universidade Federal do Pará
Profª Ma. Daniela da Silva Rodrigues – Universidade de Brasília
Profª Ma. Daniela Remião de Macedo – Universidade de Lisboa

Profª Ma. Dayane de Melo Barros – Universidade Federal de Pernambuco
Prof. Me. Douglas Santos Mezacas – Universidade Estadual de Goiás
Prof. Me. Edevaldo de Castro Monteiro – Embrapa Agrobiologia
Prof. Me. Edson Ribeiro de Britto de Almeida Junior – Universidade Estadual de Maringá
Prof. Me. Eduardo Gomes de Oliveira – Faculdades Unificadas Doctum de Cataguases
Prof. Me. Eduardo Henrique Ferreira – Faculdade Pitágoras de Londrina
Prof. Dr. Edwaldo Costa – Marinha do Brasil
Prof. Me. Eliel Constantino da Silva – Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita
Prof. Me. Ernane Rosa Martins – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Goiás
Prof. Me. Euvaldo de Sousa Costa Junior – Prefeitura Municipal de São João do Piauí
Prof. Dr. Everaldo dos Santos Mendes – Instituto Edith Theresa Hedwing Stein
Prof. Me. Ezequiel Martins Ferreira – Universidade Federal de Goiás
Profª Ma. Fabiana Coelho Couto Rocha Corrêa – Centro Universitário Estácio Juiz de Fora
Prof. Me. Fabiano Eloy Atilio Batista – Universidade Federal de Viçosa
Prof. Me. Felipe da Costa Negrão – Universidade Federal do Amazonas
Prof. Me. Francisco Odécio Sales – Instituto Federal do Ceará
Prof. Me. Francisco Sérgio Lopes Vasconcelos Filho – Universidade Federal do Cariri
Profª Drª Germana Ponce de Leon Ramírez – Centro Universitário Adventista de São Paulo
Prof. Me. Gevair Campos – Instituto Mineiro de Agropecuária
Prof. Me. Givanildo de Oliveira Santos – Secretaria da Educação de Goiás
Prof. Dr. Guilherme Renato Gomes – Universidade Norte do Paraná
Prof. Me. Gustavo Krahl – Universidade do Oeste de Santa Catarina
Prof. Me. Helton Rangel Coutinho Junior – Tribunal de Justiça do Estado do Rio de Janeiro
Profª Ma. Isabelle Cerqueira Sousa – Universidade de Fortaleza
Profª Ma. Jaqueline Oliveira Rezende – Universidade Federal de Uberlândia
Prof. Me. Javier Antonio Albornoz – University of Miami and Miami Dade College
Prof. Me. Jhonatan da Silva Lima – Universidade Federal do Pará
Prof. Dr. José Carlos da Silva Mendes – Instituto de Psicologia Cognitiva, Desenvolvimento Humano e Social
Prof. Me. Jose Elyton Batista dos Santos – Universidade Federal de Sergipe
Prof. Me. José Luiz Leonardo de Araujo Pimenta – Instituto Nacional de Investigación Agropecuaria Uruguay
Prof. Me. José Messias Ribeiro Júnior – Instituto Federal de Educação Tecnológica de Pernambuco
Profª Drª Juliana Santana de Curcio – Universidade Federal de Goiás
Profª Ma. Juliana Thaisa Rodrigues Pacheco – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Kamilly Souza do Vale – Núcleo de Pesquisas Fenomenológicas/UFGA
Prof. Dr. Kárpio Márcio de Siqueira – Universidade do Estado da Bahia
Profª Drª Karina de Araújo Dias – Prefeitura Municipal de Florianópolis
Prof. Dr. Lázaro Castro Silva Nascimento – Laboratório de Fenomenología & Subjetividade/UFPR
Prof. Me. Leonardo Tullio – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Ma. Lilian Coelho de Freitas – Instituto Federal do Pará
Profª Ma. Lilian de Souza – Faculdade de Tecnologia de Itu
Profª Ma. Liliani Aparecida Sereno Fontes de Medeiros – Consórcio CEDERJ
Profª Drª Livia do Carmo Silva – Universidade Federal de Goiás
Prof. Dr. Lucio Marques Vieira Souza – Secretaria de Estado da Educação, do Esporte e da Cultura de Sergipe
Prof. Dr. Luan Vinicius Bernardelli – Universidade Estadual do Paraná
Profª Ma. Luana Ferreira dos Santos – Universidade Estadual de Santa Cruz
Profª Ma. Luana Vieira Toledo – Universidade Federal de Viçosa
Prof. Me. Luis Henrique Almeida Castro – Universidade Federal da Grande Dourados
Prof. Me. Luiz Renato da Silva Rocha – Faculdade de Música do Espírito Santo
Profª Ma. Luma Sarai de Oliveira – Universidade Estadual de Campinas
Prof. Dr. Michel da Costa – Universidade Metropolitana de Santos

Prof. Me. Marcelo da Fonseca Ferreira da Silva – Governo do Estado do Espírito Santo
Prof. Dr. Marcelo Máximo Purificação – Fundação Integrada Municipal de Ensino Superior
Prof. Me. Marcos Aurelio Alves e Silva – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de São Paulo
Profª Ma. Maria Elanny Damasceno Silva – Universidade Federal do Ceará
Profª Ma. Marileila Marques Toledo – Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri
Prof. Dr. Pedro Henrique Abreu Moura – Empresa de Pesquisa Agropecuária de Minas Gerais
Prof. Me. Pedro Panhoca da Silva – Universidade Presbiteriana Mackenzie
Profª Drª Poliana Arruda Fajardo – Universidade Federal de São Carlos
Prof. Me. Rafael Cunha Ferro – Universidade Anhembi Morumbi
Prof. Me. Ricardo Sérgio da Silva – Universidade Federal de Pernambuco
Prof. Me. Renan Monteiro do Nascimento – Universidade de Brasília
Prof. Me. Renato Faria da Gama – Instituto Gama – Medicina Personalizada e Integrativa
Profª Ma. Renata Luciane Polsaque Young Blood – UniSecal
Prof. Me. Robson Lucas Soares da Silva – Universidade Federal da Paraíba
Prof. Me. Sebastião André Barbosa Junior – Universidade Federal Rural de Pernambuco
Profª Ma. Silene Ribeiro Miranda Barbosa – Consultoria Brasileira de Ensino, Pesquisa e Extensão
Profª Ma. Solange Aparecida de Souza Monteiro – Instituto Federal de São Paulo
Profª Ma. Taiane Aparecida Ribeiro Nepomoceno – Universidade Estadual do Oeste do Paraná
Prof. Me. Tallys Newton Fernandes de Matos – Faculdade Regional Jaguaribana
Profª Ma. Thatianny Jasmine Castro Martins de Carvalho – Universidade Federal do Piauí
Prof. Me. Tiago Silvio Dedoné – Colégio ECEL Positivo
Prof. Dr. Welleson Feitosa Gazel – Universidade Paulista

Arte e cultura: produção, difusão e reapropriação 2

Bibliotecária: Janaina Ramos
Diagramação: Camila Alves de Cremona
Correção: Flávia Roberta Barão
Edição de Arte: Luiza Alves Batista
Revisão: Os Autores
Organizador: Ezequiel Martins Ferreira

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

A786 Arte e cultura: produção, difusão e reapropriação 2 /
Organizador Ezequiel Martins Ferreira. - Ponta Grossa -
PR: Atena, 2021.

Formato: PDF

Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader

Modo de acesso: World Wide Web

Inclui bibliografia

ISBN 978-65-5983-154-8

DOI 10.22533/at.ed.548211006

1. Arte. 2. Cultura. I. Ferreira, Ezequiel Martins
(Organizador). II. Título.

CDD 306.47

Elaborado por Bibliotecária Janaina Ramos - CRB-8/9166

DECLARAÇÃO DOS AUTORES

Os autores desta obra: 1. Atestam não possuir qualquer interesse comercial que constitua um conflito de interesses em relação ao artigo científico publicado; 2. Declaram que participaram ativamente da construção dos respectivos manuscritos, preferencialmente na: a) Concepção do estudo, e/ou aquisição de dados, e/ou análise e interpretação de dados; b) Elaboração do artigo ou revisão com vistas a tornar o material intelectualmente relevante; c) Aprovação final do manuscrito para submissão.; 3. Certificam que os artigos científicos publicados estão completamente isentos de dados e/ou resultados fraudulentos; 4. Confirmam a citação e a referência correta de todos os dados e de interpretações de dados de outras pesquisas; 5. Reconhecem terem informado todas as fontes de financiamento recebidas para a consecução da pesquisa.

APRESENTAÇÃO

As relações entre o conhecimento artístico ou estético e o conhecimento científico sempre existiram, do ponto de vista das produções simbólicas do homem. Já haviam, antes da criação de um método científico, surgido de uma visão racionalista e empirista, os modos de conhecimento se pautavam em explicações que acalentavam as inquietações humanas, a exemplo temos o conhecimento mítico, o filosófico e o artístico.

O mítico, que beira o religioso se baseava principalmente em explicações exteriores e anteriores à construção do homem, mas se baseando nos aspectos mais intrigantes do imaginário humano e se perfazendo em torno da construção própria do destino.

O filosófico partia, em parte da observação e do questionamento sempre presente sobre as atitudes e emoções humanas. E, por fim, o artístico, sendo influenciado por ambos os anteriores, representava numa espécie de mimese o que era colhido nas entranhas humanas.

Nesse aspecto, o vínculo entre os três modos de conhecer era responsável pela evolução de cada um, onde o constante diálogo e interação entre eles inspiravam constantemente um ao outro.

Surge então, pelas guinadas da lógica e na evolução do racionalismo, o estabelecimento do método científico pautado na experimentação e delimitação precisa dos caminhos para a aquisição do conhecimento.

Onde havia um espaço aberto à colaboração, se restringe às premissas de um seleto grupo que por algum tempo definem o que pode ser considerado científico ou não.

No entanto, essas barreiras entre o científico e o artístico estão novamente mescladas e as discussões sobre o fazer científico num viés artístico se encontram cada vez mais presentes na atualidade.

Pensando nisso, a coletânea *Arte e Cultura: Produção, Difusão e Reapropriação*, em seu segundo volume, reúne vinte artigos que abordam algumas pesquisas envolvendo a interseção entre arte e cultura.

Uma boa leitura!

Ezequiel Martins Ferreira

SUMÁRIO

CAPÍTULO 1..... 1

REFLEXÕES SOBRE A HISTÓRIA DA ARTE NA ACADEMIA IMPERIAL DE BELAS ARTES

Flora Pereira Flor

DOI 10.22533/at.ed.5482110061

CAPÍTULO 2..... 12

SERMÕES EM PALIMPSESTOS, PARA FLAUTA E SONS ELETRÔNICOS: ASPECTOS COMPOSICIONAIS, ACÚSTICOS E PERFORMÁTICOS

Rodrigo Manoel Frade

Felipe Mendes de Vasconcelos

DOI 10.22533/at.ed.5482110062

CAPÍTULO 3..... 23

HÁ QUE SE LER A POÉTICA PARA SE ENTENDER A POLÍTICA

Dinah de Oliveira

DOI 10.22533/at.ed.5482110063

CAPÍTULO 4..... 36

SISTEMA DE GESTÃO PARA PROJETOS INTEGRADORES

Cleuza Bittencourt Ribas Fornasier

Seila Cibele Sitta Preto

DOI 10.22533/at.ed.5482110064

CAPÍTULO 5..... 48

O PAPEL DA EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA EM MÚSICA NA FORMAÇÃO E ATUAÇÃO PROFISSIONAL

Beatriz Paulino Pereira

Vania Malagutti

DOI 10.22533/at.ed.5482110065

CAPÍTULO 6..... 59

MÚSICA, VOLUNTARIADO E INTERGERACIONALIDADE: UM RELATO DE EXPERIÊNCIA

Estela Kohlrausch

Johannes Doll

DOI 10.22533/at.ed.5482110066

CAPÍTULO 7..... 70

FERRAMENTAS PARA LER, COMPREENDER E INTERPRETAR O *CALENDÁRIO DO SOM* DE HERMETO PASCOAL

Ewerton Oliveira

DOI 10.22533/at.ed.5482110067

| | |
|--|------------|
| CAPÍTULO 8 | 81 |
| ARTE PARTICIPATIVA E PROPOSIÇÕES SISTÊMICAS: PESQUISAS E EXPERIMENTAÇÕES ACADÊMICAS Adriana Gomes de Oliveira Helena Martins de Lacerda Laura Campos Daibert DOI 10.22533/at.ed.5482110068 | |
| CAPÍTULO 9 | 102 |
| AS DESENHAÇÕES COMO POTÊNCIA METODOLÓGICA NA PRÁTICA DOCENTE: EXPANDINDO OS LIMITES TERRITORIAIS DO QUINTAL Taliane Graff Tomita DOI 10.22533/at.ed.5482110069 | |
| CAPÍTULO 10 | 116 |
| DIVERSIDADE NA ESCOLA: OS DESAFIOS DO ENSINO DA CULTURA AFRO-BRASILEIRA Ana Beatriz Barreira Leite DOI 10.22533/at.ed.54821100610 | |
| CAPÍTULO 11 | 130 |
| METODOLOGIA INTEGRATIVA CRIATIVA EM ARTE Ana Amélia de Araújo Maciel DOI 10.22533/at.ed.54821100611 | |
| CAPÍTULO 12 | 139 |
| AS ESTRATÉGIAS DA EDUCAÇÃO MUSICAL PARA A PROMOÇÃO DA EDUCAÇÃO DAS RELAÇÕES ÉTNICO-RACIAIS NO PONTO DE CULTURA JOVENS PESQUISADORES Dálete Lima de Souza Érika de Andrade Silva DOI 10.22533/at.ed.54821100612 | |
| CAPÍTULO 13 | 151 |
| O ENSINO DA MÚSICA E SEUS DIFERENTES CONTEXTOS EM PORTUGAL João Guimarães Ribeiro Antônio José Pacheco Ribeiro DOI 10.22533/at.ed.54821100613 | |
| CAPÍTULO 14 | 165 |
| O ENSINO DE ARTES VISUAIS PARA TERCEIRA IDADE: UMA EXPERIÊNCIA COM RELEITURAS DA MONA LISA Rosali Henriques DOI 10.22533/at.ed.54821100614 | |
| CAPÍTULO 15 | 178 |
| O ENSINO DE REGÊNCIA EM UM CURSO DE LICENCIATURA EM MÚSICA POPULAR: | |

| | |
|---|------------|
| PENSANDO OS DISCURSOS Armando de Araujo Ferreira DOI 10.22533/at.ed.54821100615 | |
| CAPÍTULO 16 | 189 |
| PROJETO SOCIAL E ENSINO DE MÚSICA: OLHAR DOS ALUNOS E DO PROFESSOR EM UMA PESQUISA EXPLORATÓRIA Livia Figueiredo de Alencar e Silva DOI 10.22533/at.ed.54821100616 | |
| CAPÍTULO 17 | 197 |
| A EDUCAÇÃO MUSICAL EM UMA ESCOLA RURAL: UMA ABORDAGEM METODOLÓGICA (TRANS)FORMADORA Igor Viana Monteiro DOI 10.22533/at.ed.54821100617 | |
| CAPÍTULO 18 | 207 |
| NÚCLEO DE EDUCAÇÃO MUSICAL E ARTES: DESENVOLVIMENTO DAS DIMENSÕES DA MUSICALIDADE NAS AULAS DE ARTE EM CAUCAIA/CE NO INÍCIO DO DISTANCIAMENTO SOCIAL ATRAVÉS DO YOUTUBE Daniel do Nascimento Sombra Israel Kleber de Oliveira Teó ilo DOI 10.22533/at.ed.54821100618 | |
| CAPÍTULO 19 | 219 |
| A LEGISLAÇÃO E O ENSINO DE MÚSICA Jayza Monteiro Almeida DOI 10.22533/at.ed.54821100619 | |
| CAPÍTULO 20 | 231 |
| APRENDIZAGEM DA DOCÊNCIA ATRAVÉS DE ESTÁGIO EM PROJETO SOCIAL Yndira Gabriela Fleitas Villarroel Rita de Cássia Domingues dos Santos DOI 10.22533/at.ed.54821100620 | |
| SOBRE O ORGANIZADOR | 243 |
| ÍNDICE REMISSIVO | 244 |

CAPÍTULO 9

AS DESENHAÇÕES COMO POTÊNCIA METODOLÓGICA NA PRÁTICA DOCENTE: EXPANDINDO OS LIMITES TERRITORIAIS DO QUINTAL

Data de aceite: 01/06/2021

Taliane Graff Tomita

Doutoranda na Linha de Ensino das Artes Visuais do Programa de Pós-Graduação em Artes Visuais da Universidade do Estado de Santa Catarina (PPGAV/UDESC). Atualmente, bolsista CAPES

RESUMO: Este trabalho apresenta recortes de uma pesquisa cartográfica cujo questionamento impulsionador é: A partir da observação dos modos de se ensinar o desenho em espaços não formais, quais pistas podem contribuir com o processo do ensino de desenho? Com base em reflexões acerca da prática docente entrelaçadas também pela observação participativa em dois cursos de desenho, pretende-se abordar as ‘desenhagens’ (anotações em forma de desenho acompanhadas ou não da escrita) como uma maneira de potencializar a prática docente. Os quintais aparecem como uma forma de olhar para os espaços territoriais habitados pelo ensino do desenho em um convite ao ensinar com desenho para além do ensinar sobre desenho.

PALAVRAS-CHAVE: Ensino não formal; Prática docente; Ensino do desenho.

THE ‘DESENHAÇÕES’ AS A
METHODOLOGICAL POWER IN THE
TEACHING PRACTICE: EXPANDING
THE TERRITORIAL LIMITS OF THE
BACKYARD

ABSTRACT: This article presents excerpts from a cartographic research whose driving question is: From the observation of ways of teaching drawing in non-formal spaces, what clues can contribute to the process of teaching drawing? Based on reflections on teaching practice also intertwined by participatory observation in two drawing courses, it is intended to deal with the ‘desenhagens’ (notes in form of drawing with or without writing) as a way to enhance the teaching practice. Backyards appear as a way of looking at the territorial spaces inhabited by the teaching of drawing. It is an invitation to teach with drawing in addition to teaching about drawing.

KEYWORDS: Non-formal teaching; Teaching practice; Drawing teaching.

Com intuito de encontrar outros olhares que reverberassem na [re]construção das próprias práticas pedagógicas buscou-se, por meio de uma pesquisa cartográfica de caráter qualitativo, o acompanhamento de processos de ensino de desenho e um compartilhamento de vivências e reflexões. Estas, advindas não apenas de observações participativas em dois cursos particulares de desenho em espaços não formais¹, na cidade de Florianópolis/SC, mas

¹ Informações sobre os cursos e espaços podem ser encontradas em minha pesquisa de mestrado intitulada Narrativas desenhadas: Cartografando encontros no ensino do desenho.

também atravessadas pelas próprias experiências docentes na mesma área de atuação. No percurso investigativo procuraram-se vestígios que pudessem criar uma rede de sentidos, transpondo limites territoriais e potencializando a prática docente, a fim de contribuir, de algum modo, com a construção de conhecimento no campo em questão. Assim, a pesquisa é permeada por narrativas desenhadas, alguns trechos em primeira pessoa e por poemas, metáforas e palavras inventadas - como as 'desenhagens', entendidas aqui como uma possibilidade de potência metodológica.

UM CONVITE À INVENÇÃO

O poema "O lápis" de Manoel de Barros traz uma gama de elementos que compõem paisagens cheias de inquietações por se entrelaçarem a reflexões referentes à prática docente em minhas pesquisas mais recentes.

[...] Eu queria fazer para mim uma naturezinha particular. Tão pequena que coubesse na ponta do meu lápis. Fosse ela, quem me dera, só do tamanho do meu quintal. No quintal ia nascer um pé de tamarino apenas para uso dos passarinhos. E que as manhãs elaborassem outras aves para compor o azul do céu. [...] Essa, eu penso, é que seria a minha naturezinha particular: Até onde o meu pequeno lápis poderia alcançar. (BARROS, p. 407, 2013).

A partir dessa ferramenta acessível e tão habitual no ensino do desenho, que é o lápis, cria-se um mundo de sentidos para esta docente em contínua formação. O que o lápis, em toda sua simplicidade, pode fazer surgir? Com todo o tempo-espaço existente na estreita distância entre a sua ponta e a superfície do papel - nesse hiato que antecede o toque e o contato capaz de deixar uma marca e criar uma forma -, há um universo a ser inventado, repleto de potência, habitado por um fluxo intenso de pensamentos e invisibilidades.

Da observação do quintal de casa tecem-se algumas conexões relacionadas ao fato deste, ser aqui, percebido como um espaço no qual a natureza pode se desenvolver sem tantas restrições (diferentemente de jardins que tendem a distribuições e podas das espécies da flora de acordo com funcionalidades ou preferências visuais). O quintal, para além da sua existência real como parte do ambiente doméstico que está, nesse momento, sendo imprescindível para a qualidade de vida durante a quarentena, assume uma relação poética com meu processo de pesquisa com desenho. Nesta escrita, o 'quintal de casa' é também entendido como o lugar onde me coloco no exercício da docência, ou seja, a sala de aula ou ateliê, dentro de espaços não formais de educação em que acontecem encontros voltados ao ensino do desenho.

Para situar o espaço não formal de educação, de modo bastante sucinto, ressaltam-se dois pontos: nesses espaços, de acordo com Gohn (2006), o educador ou educadores são aqueles com quem interagimos ou com os quais nos integramos de modo intencional, o que, conseqüentemente, afasta-o da questão da obrigatoriedade. O segundo ponto, que

também apresenta divergências com o ensino formal, é a possibilidade de não exigência de uma formação específica desse educador na área de atuação. Isto, por sua vez, é considerado pela autora como uma carência no âmbito da educação não formal (GOHN, 2006). Em concordância com sua colocação e entendendo a necessidade da contínua aprendizagem para atuação na área da educação, uma das questões que impulsionam este trabalho é o percurso pessoal de formação e atuação profissional e a intenção de um constante movimento de compreensão de si, que permita o refazer, a metamorfose e, sobretudo, a revisão das práticas e dos processos metodológicos, imprescindíveis à atuação docente.

A trajetória ministrando aulas de desenho em espaços não formais teve início no ano de 2006 e continua oferecendo um enfrentamento com a necessidade de afirmar e fazer compreender a relevância do ensino do desenho e de seus processos, pois ainda é possível encontrar no espaço educativo (formal e não formal), assim como no pensamento social, a ideia de Arte desvinculada da construção de conhecimento e de reflexões críticas e significativas à formação dos sujeitos. Esta problemática acarreta, muitas vezes, entendimentos limitantes frente à prática do desenho e posicionamentos dicotômicos, a exemplo de uma busca excessiva pela técnica ou pelo puro prazer. A partir deste contexto sentiu-se a necessidade de investigar espaços que permitissem o desenvolvimento do ensino do desenho por meio de uma educação não formal. Construindo, desse modo, um novo percurso de pesquisa, um novo amor, uma “naturezinha particular” (BARROS, 2013, p.407) que tem a pretensão de inventar quintais em encontros com o desenho.

Há, na atualidade, uma grande diversidade de lugares oferecendo aulas de desenho, como: ateliês de artistas, espaços culturais, estabelecimentos privados como sebos, galerias, lojas especializadas em materiais artísticos, papelarias, sedes de coletivos artísticos ou até mesmo a residência dos próprios interessados, entre outros (isso sem considerar os meios digitais). Pelas vivências em alguns desses espaços percebeu-se que as procuras pelo desenho apresentam uma variação muito ampla de interesses e que há uma rotatividade significativa de alunos. Diante deste panorama se insere a dificuldade de construção de relações com o desenho de modo menos imediatista, menos voltado ao resultado final e sim, mais interessado no processo do pensar a partir do desenho e com o desenho.

Procuo, portanto, maneiras de repensar práticas pedagógicas voltando o olhar não apenas para as aulas de desenho que ministro (quintal de casa), mas também para os quintais vizinhos², que foram investigados como já comentado, por meio de observações participativas. Entende-se que “para que haja participação é preciso que haja experiência de pertencimento”. (KASTRUP, PASSOS, 2014, p. 28). Estar na aula de outros professores não como observadora externa, mas como membro do grupo de aprendizes é também uma

² Quintais vizinhos: referência aos espaços não formais de ensino onde atuam os outros dois professores envolvidos na pesquisa.

forma de buscar a integração do pesquisador ao ambiente, a fim de torná-lo parte de sua composição.

Na tentativa de ampliação de caminhos metodológicos e com o anseio de fugir de representações da realidade e significados delimitados por formas fixas, o método da cartografia³ vem possibilitar a construção de conhecimento em rede, a partir do acompanhamento de processos. Desse modo, a escrita aqui apresentada não faz referência direta a um espaço, indivíduo ou metodologia, não busca descrições, juízos de valor nem apresentação de modelos. Mesmo que se pretendessem descrições, sabe-se que “desejo e palavras são mundos distantes, tudo o que falamos ou mesmo compreendemos do mundo são simples aproximações dos fenômenos” (NETO, 2013, p. 40). O que se busca, sobretudo, é uma investida na dissolução de modos cristalizados de pensamento e ação, dicotomias e julgamentos que formatam e hierarquizam o ensino.

Logo, o percurso exposto “consiste numa aposta na experimentação do pensamento” (PASSOS; *et al.* 2015, p. 10) que acolhe a não linearidade. Pelo método da cartografia tira-se do pesquisador o papel de neutralidade, colocando-o como parte integrante do território que, ao ser observado, é também habitado e construído. Visa-se a dispersão horizontal de um rizoma que “conecta um ponto qualquer com outro ponto qualquer” (DELLEUZE; GUATTARI, 2011, p. 32) por meio do desvio e de linhas de fuga, - características da desterritorialização em Deleuze e Guattari. Nesse caminhar em meio a um campo virtual de forças, intensidades e territórios habitados buscam-se pistas que possam, de algum modo, auxiliar no desenvolvimento do ensino do desenho, colaborando com a construção de conhecimento na área. Para tanto, a pergunta que direciona esta pesquisa é: A partir da observação de modos de se ensinar o desenho em espaços não formais, quais pistas/rastros podem contribuir com o processo do ensino de desenho?

Este questionamento deixa lugar para diferentes paisagens nesses quintais sendo interessante pensar por qual(ais) paisagem(ens) somos atravessados. É preciso, porém, “avançar mais e pensar a paisagem também de forma diferente de um lugar definido”, que apenas represente esse ou aquele quintal. A paisagem seria assim “mais objetiva e externa do que nosso sentido pessoal de lugar, também menos individual” (LOPES, 2007, p. 135). Na caminhada pelos quintais vizinhos, é relevante entender essa abertura para além do observado, ultrapassando o ato de identificar ou classificar uma paisagem. Pois ela “é o que não há. Ela deve ser feita, e o será para ocupar qualquer lugar, porque cria lugares” (GODOY, 2008, p. 205). Assim, essas novas e diferentes paisagens provenientes de cada quintal tornam-se forças propulsoras para se pensar a prática docente num eterno vir a ser.

3 Cartografia “é um método formulado por Gilles Deleuze e Félix Guattari (1995) que visa acompanhar um processo, e não representar um objeto. [...] Trata-se sempre de investigar um processo de produção”. (KASTRUP, 2015, p. 32).

RASTROS DE UM PENSAR COM DESENHO

O quintal de casa pressupõe um lugar de conforto, um espaço conhecido, um território ligado ao que se considera privado. Mas, e se o seu quintal não tivesse grades, nem muros, nada que o separasse do resto da vizinhança nem impedisse a entrada de estranhos? E se não existisse essa barreira física que divide e hierarquiza os espaços, tornando assim um determinado território passível de desterritorialização ou de constantes reterritorializações? Será que o meu quintal é mesmo só meu? Surgem, a partir destes questionamentos iniciais, as linhas de uma escrita que propõem a busca por um devir⁴ artista professor⁵, atravessado pelo ensino com o desenho. Diferentemente do saber sobre, “o saber com aprende com os eventos à medida que os acompanha e reconhece suas singularidades” (ALVAREZ; PASSOS, 2015, p. 143). Por isso, assume-se que o trabalho apresentado é parte de um processo de pesquisa com desenho, de modo que alguns rastros vão sendo deixados para que, com eles, novas paisagens surjam frente à multiplicidade presente nos quintais visitados neste percurso investigativo. Para essa construção cartográfica, portanto, pressupõem-se:

[...] Habitar de modo receptivo territórios que se avizinham, deixando-nos impregnar. O aprendiz-cartógrafo, numa abertura engajada e afetiva ao território existencial, penetra esse campo numa perspectiva de composição e conjugação de forças. Constrói-se o conhecimento com e não sobre o campo pesquisado. (ALVAREZ; PASSOS, 2015, p. 137).

Nesse processo de ser e estar ‘com’ é também admissível nos deixarmos “levar pela nossa imaginação”, e podermos segui-la “onde quer que ela nos conduza” (MAISTRE, 2009, p. 27) a fim de ampliar os limites daquilo que, aparentemente, constitui apenas um espaço territorial habitado, sem com isso dispensar a responsabilidade e a ética exigidas para uma pesquisa.

Torna-se indispensável salientar que falar em habitar os territórios não remete apenas à questão espacial ou de localização, pois não é um ater-se só ao espaço físico (sala de aula/ateliê/quintal). O território surge aqui também com uma “dimensão processual e qualitativa – o que precisamente faz dele um território existencial”. Por isso, sua formação não é vista “a partir de aspectos utilitários e funcionais, mas privilegiando os sentidos e modos de expressão” (ALVAREZ; PASSOS, 2015, p. 132 e 135). Para uma maior aproximação das noções de território ainda pode-se acrescentar palavras de Deleuze e Guattari (2009), quando indicam que:

4 Para maiores esclarecimentos: “Devir é, a partir das formas que se tem, do sujeito que se é, dos órgãos que se possui ou das funções que se preenche, extrair partículas, entre as quais instauramos relações de movimento e repouso, de velocidade e lentidão, as mais próximas daquilo que estamos em vias de devir, e através das quais devimos. É nesse sentido que o devir é o processo do desejo”. (DELEUZE; GUATTARI, 2012, p. 67).

5 “O significado desta justaposição para a identidade conceitual do artista professor é que características, atitudes, conhecimento e práticas/experiências associadas com ambos, artistas e professores, são combinadas numa identidade única sem necessariamente abandonar alguma em favor de outras”. (THORTON, 2013, p. 52).

A orquídea se desterritorializa, formando uma imagem, um decalque de vespa; mas a vespa se reterritorializa sobre esta imagem. A vespa se desterritorializa, no entanto, tornando-se ela mesma uma peça no aparelho de reprodução da orquídea; mas ela reterritorializa a orquídea, transportando o pólen. A vespa e a orquídea fazem rizoma em sua heterogeneidade. [...] trata-se de algo completamente diferente: não mais imitação, mas [...], aumento da valência, verdadeiro devir, devir-vespa da orquídea, devir-orquídea da vespa, cada um desses devires assegurando a desterritorialização de um dos termos e a reterritorialização do outro, os dois devires encadeando e se revezando segundo uma circulação de intensidades [...]. (DELEUZE; GUATTARI, 2009, p. 18-19).

É um colocar-se nesse caminhar que percorre heterogeneidades e que possibilita um movimento de desterritorialização e reterritorialização desses espaços (quintais). E isso se dá num fluxo de circulação de intensidades que não se apresentam como imitação, mas como devires da professora artista que anseia metamorfoses. Para tal caminhar a atenção do olhar, as conversas, escutas, assim como as produções pessoais durante as aulas frequentadas, formaram narrativas desenhadas que se desenvolveram, em parte⁶, pelo que denomino de ‘desenhções’.

As ‘desenhções’ são anotações em forma de desenho que podem ou não estar associadas à escrita. Estão ligadas a sonoridades do momento além de outras sensações e forças envolvidas no estar presente e atenta como participante dos outros dois cursos (quintais vizinhos) e como docente (quintal de casa), habitando esses territórios do ensino do desenho. Tanto quanto as “notas-desenhos”⁷ de Stolf (2015), que se constituíam inicialmente em registros de experiências acústicas ou formas de anotar o processo, as ‘desenhções’ - entendidas como anotações desenhadas de visualidades, sonoridades e espaços-tempo específicos - também “podem ser pensadas como proposições que coexistem e expandem” (STOLF, 2015, p. 209). Ultrapassando, portanto, os limites da funcionalidade atribuída ao registro/anotação permitem dispersões em outras direções contribuindo potencialmente para reflexões e reconfigurações da prática docente.

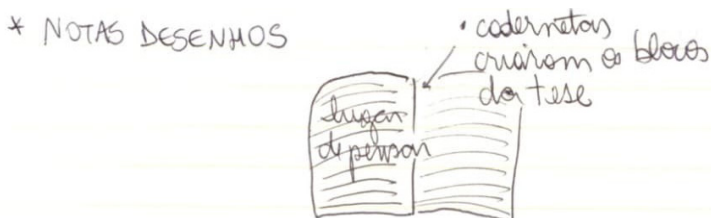


Figura 1: Desenhções: lugar de pensar, 2017. Desenho com lápis grafite, 5 x 15cm. Acervo da autora.

6 O trabalho apresentado aqui aborda o recorte de parte de minha pesquisa de mestrado aonde outros desdobramentos se fazem presentes.

7 Raquel Stolf (2015) comenta que tais notas-desenhos foram produzidas por ela em exercícios de intersecção entre registros sonoros e anotações/notações – durante o processo de seleção e edição de silêncios, gravados para a publicação sonora Assonâncias de silêncios [coleção].

A imagem acima (Figura 1) é parte integrante do processo cartográfico construído durante o Mestrado em Artes Visuais e faz referência às notas-desenhos da professora anteriormente citada. Ele integra essa prática de utilização do desenho/escrita (desenhção) como procedimento metodológico na construção do pensamento.

As anotações sempre acompanharam a trajetória escolar pessoal na qual, desde muito jovem, a escrita se fez extremamente presente como ferramenta que registrava ao máximo a fala dos professores. Inicialmente, as palavras se viam mais distantes dos desenhos, não tendo praticamente nenhuma relação, pois o desenho aparecia nos cadernos (no processo escolar) apenas quando solicitado em algum exercício. Contudo, com o tempo, foi se tornando evidente e cada vez mais constante o entrelaçamento entre a escrita e os desenhos. Partindo do pressuposto do registro ou anotação essa prática está, do ponto de vista pessoal, geralmente ligada ao interesse de acesso posterior para consultas e desdobramentos. Aparecem, sobretudo, elementos que participam da construção de planejamentos de aulas, que desencadeiam processos metodológicos e de reflexão crítica, voltados ao ensino do desenho, como apresentado na imagem abaixo (Figura 2):



Figura 2: Desenhções nos quintais vizinhos, 2018. Desenho com lápis grafite, 11 x 14,3 cm. Acervo da autora.

A imagem (Figura 2) foi produzida durante observação participativa e ressalta detalhes de um desenho em andamento. Ao revisitá-la ela pode vir a potencializar outras

propostas considerando o próprio desenho de observação de objetos tridimensionais (algo já bastante utilizado), mas pensando também desdobramentos: Qual a variedade de elementos visuais disponíveis no ambiente para tais exercícios? Quais referências são usadas para esses desenhos de observação? Objetos cotidianos? Artísticos? ; no que tange aos materiais e suportes: quais estão sendo usados na produção do desenho? O educando está experimentando diferentes materiais em suas produções? ; até mesmo a postura durante o desenhar pode ser pensada: o fato de prestar atenção a ela, a escolha de uma postura confortável ou a mudança de posicionamentos buscando novos gestos (desenhar em pé ou com aparatos de extensão que promovam o distanciamento do suporte onde se desenha); estas e outras questões podem vir à tona a partir das 'desenhagens'. Do mesmo modo, a (Figura 3) apresenta anotações de inquietações que possibilitam reflexões sobre os modos de interação entre os participantes, e em especial, sobre as relações docente/discente durante o processo do desenho.



Figura 3: Desenhagens nos quintais vizinhos, 2017. Desenho a lápis grafite, 9,5 x 9 cm. Acervo da autora.

O desenho pode se colocar como registro, memória e/ou como dispositivo de ativação do pensamento. Diante desse trajeto, onde o próprio desenhar se coloca como prática metodológica reaparece um questionamento antigo: Como definir o que é o

desenho? Sabe-se que suas múltiplas possibilidades estéticas e conceituais tornam essa definição bastante difícil. Na realidade, não há aqui um interesse em defini-lo. Deseja-se mesmo o contrário, pois quanto maiores e mais diversos os modos de percebê-lo, mais ele nos permite encontrar caminhos diferentes dos que já percorremos. Como comenta Rayck (2017):

Desenho é um objeto fugidio às tentativas de apreendê-lo. De sua complexidade decorre a impossibilidade de uma definição unívoca e estável. Mas isto paradoxalmente insinua a necessidade de assumir algum posicionamento sobre sua condição, o que impulsiona seus interessados a vagar entre os discursos que integram sua teorização. (RAYCK, 2017, p. 42).

Nesse paradoxo, em que se buscam definições ao mesmo tempo em que se assume a impossibilidade da estabilidade de uma elucidação definitiva, o desenho se fez presente, criando alguns contornos durante os processos do pensar a si, o outro, o entorno e a própria prática pedagógica. Como parte dessa relação, em especial com as ‘desenhagens’, entende-se que o ato de “desenhar objetos, pessoas, situações, animais, emoções, ideias são tentativas de aproximação com o mundo. Desenhar é conhecer, é apropriar-se” (DERDYK, 2015, p. 38). Sendo assim, nesse encadeamento em que desenho e conhecimento compartilham territórios, é imprescindível a noção de que na relação docente/discente, “seus sujeitos [...] não se reduzem à condição de objeto um do outro” (FREIRE, 2011, p. 25). A construção de conhecimento só se dá de forma conjunta, o que reforça uma valorização das diferenças e a importância a ser dada ao “conhecimento da experiência feita”⁸, abordada por Freire (2011). Isso envolve um cuidado com o outro que visa não desmerecer o conhecimento e as ideias já pertencente aos sujeitos (aqui relacionadas ao desenho e seu ensino).

Independentemente da concepção que o educando ou o educador traga a respeito do desenho e sua prática, ela é sempre importante, pois é partir dela que poderemos nos deixar afetar e construir outras noções capazes de atravessar as barreiras que delimitam territórios. Visto como exemplo de uma prática educativo-crítica, Paulo Freire (2011) permite-nos compreender que ensinar é criação de possibilidades para a construção do conhecimento imbricada em uma rede complexa de relações entre docente e discente. Perceber-se nesse lugar privilegiado onde podemos aceitar nossa incompletude e, juntos, buscar experiências que nos deslocam em direção a caminhos heterogêneos, é também um modo de aceitar-se em contínua formação e estar ciente de que para tal formação permanente “o momento fundamental é o da reflexão crítica sobre a prática. É pensando criticamente a prática de hoje ou de ontem que se pode melhorar a próxima [...]”. (FREIRE, 2011, p. 40).

Na docência, não deixamos de ter a necessidade de conhecermos a nós mesmos,

⁸ Conhecimento de experiência feito, para Paulo Freire (2011), seria aquele que o educando possui quando chega à escola, ou seja, o que já carrega consigo. Considera-se, para esta pesquisa, que o mesmo também acontece nos espaços de ensino não formal.

tornando-se crucial esse olhar crítico para a própria prática, sobretudo, por estarmos envolvidos na formação de outros sujeitos. Mediante o entendimento de que o processo de formação docente não se restringe ao tempo e espaço dos cursos de graduação ou pós-graduação, valoriza-se a percepção de si, como já afirmou Pereira (2013):

O professor é um modo de ser de um sujeito que, tendo vivido um dado quadro existencial, se põe como sujeito educante, que educa, que forma outros sujeitos. É uma diferença de si que ele acolhe. A formação acadêmica vai, em última instância, instrumentalizá-lo, podendo legitimar e institucionalizar sua escolha. (PEREIRA, 2013, p. 50).

De fato, estamos sempre em formação e o professor pode ser entendido como o “sujeito que se produz em uma prática de ensinar” (PEREIRA, 2013, p.13), dentro ou fora do espaço institucionalizado. Estar atento ao que se passa em seu ambiente de trabalho e também aos modos como outros profissionais podem estar ensinando o desenho torna-se um percurso de reconhecimento e transformação docente, diante do qual as ‘desenhagens’ possibilitam a construção de uma cartografia, considerando que:

[...] é preciso praticar, ir a campo, seguir processos, lançar-se na água, experimentar dispositivos, habitar um território, afinar a atenção, deslocar pontos de vista e praticar a escrita, sempre levando em conta a produção coletiva do conhecimento. (PASSOS *et al.*, 2015, p. 203).

Colocar-se nesse entre lugares, sendo ao mesmo tempo docente e discente, professora e artista. O deslocamento para outros espaços não formais de ensino de desenho, ou seja, o ir a campo e praticar tanto a escrita quanto o próprio desenhar, permitiram o fortalecimento de uma prática. Assim, as ‘desenhagens’ podem servir como ferramenta, auxiliando a construção do pensamento metodológico e potencializando reflexões críticas que direcionam atitudes.

Pelo viés de entendimento de que a experiência do pesquisar se inscreve “no plano de forças, que constitui o plano de produção tanto do conhecimento quanto da realidade conhecida” (PASSOS, et al, 2014, p. 8), pode-se dizer que a realidade é, do mesmo modo que o conhecimento, construída durante o processo de investigação. Entende-se, portanto, que o conhecimento “não é o resultado daquilo que se capta do exterior, mas ele emerge nas conversações, no conviver com o outro” (PELLANDA, 2009, p. 83). Por mais que objetos, espaços ou pessoas tornem-se formas passíveis de se desenhar, como apresentado na (Figura 4), estão longe de representar a verdade ou a realidade observada. Buscam muito mais o movimento presente em forças invisíveis que habitam a realidade no momento em que ela se constrói, sabendo, entretanto, que consecutivas metamorfoses virão.



Figura 4: Desenhões no quintal vizinho, 2017. Desenho a caneta nanquim, 9 x 14,7 cm. Acervo da autora.

Assim, os quintais são percebidos neste trabalho como espaços entre forças, que não são medidos nem calculados, por não serem realidades dadas e preexistentes. Como comentam Alvarez e Passos (2015) não se ocupa um território:

[...] com um problema fechado, sabendo de antemão o que se busca. Tal posicionamento fecha o encontro com a alteridade do campo territorial, permitindo muitas vezes só encontrar o que já se sabia ou, [...] não enxergando nada além dos seus conceitos e ideias fixas. Portanto, para o aprendiz – cartógrafo, o campo territorial não tem a identidade de suas certezas, mas a paixão de uma aventura. (ALVAREZ; PASSOS, 2015, p. 138).

Fica mais claro, a cada novo encontro, que esse posicionamento como aventureira permite deslocamentos e criações de redes de sentido que se espalham e se desenvolvem como pequenas sementes jogadas no quintal. Existe uma “integração dos espaços com os afetos” (LOPES, 2007, p. 140) e por isso deixar-se afetar, atuar, atravessar pela paisagem, ou melhor, pelas paisagens, sem para isso abandonar o pensamento crítico é o caminho que a pesquisa pretendeu percorrer. E nessa aventura me permito desenhar porque o ato de desenhar me afeta, porque gosto de pensar por meio dele, de olhar por suas linhas e manchas e, sobretudo, de me ligar ao mundo por suas possibilidades.



Figura 5: Sem título, 2018. Desenho de caneta nanquim, 12,1 x 20 cm. Acervo da autora.

Na (Figura 5) o texto de Rancière: “Tudo é rastro, vestígio ou fóssil. Toda forma sensível, desde a pedra ou a concha, é falante. Cada uma traz consigo em estrias e volutas, as marcas de uma história e os signos de sua destinação” (RANCIÈRE, 2009, p. 35) - contorna a silhueta e amplia os sentidos daquele pequeno vestígio. O galho, no entrelaçamento com o texto, cria um novo desenho que já não tem o mesmo sentido de sua presença solitária no papel. Ao cartografar reforçou-se a concepção de não hierarquização no processo do ensino do desenho. Portanto, pelos vestígios que foram sendo recolhidos no caminhar desta investigação e tendo como única certeza a inexistência de uma verdade a ser encontrada, essa deriva⁹ “afirma-se como possibilidade de invenção de novos percursos” (GODOY, 2008, p.26) onde o “ensinar inexiste sem aprender e vice-versa” (FREIRE, 2011, p. 25), numa construção sempre coletiva do conhecimento. Acredita-se, portanto, que:

Quando nos entregamos aos lugares, eles nos devolvem a nós mesmos; quanto melhor os conhecemos, mais os semeamos com a cultura invisível de lembranças e associações que estará a nossa espera quando voltarmos, ao passo que os lugares novos oferecem novos pensamentos, novas possibilidades. Explorar o mundo é uma das melhores maneiras de explorar a mente [...]. (SOLNIT, 2016, p. 34).

9 Utiliza-se o termo deriva segundo o entendimento de Godoy (2008): “As derivas não são anti-rotas, antiitinerários ou antipercursos, elas liberam a vida das interdições despotencializadoras produzidas por rotas e itinerários, componentes de um sistema de codificação do mundo correspondente a um ideal que quer conter e expressar a vida, tornando possíveis novos e outros percursos”. (GODOY, 2008, p.26).

Dessa entrega aos lugares, dessa busca cartográfica por outros territórios do ensino do desenho, deslocamentos - que não deixam de se relacionar com a caminhada (ato a que Solnit se refere acima) -, surgem esses pequenos rastros com potencial de desconstrução e reconstrução de práticas pedagógicas. Pelas 'desenhagens' criam-se redes de sentidos, modos de incorporar heterogeneidades, de pensar as diferentes concepções trazidas pelos educandos e pelos outros professores, tornando-os parte integrante das paisagens vislumbradas. Tendo em vista que estas se reconstruem a cada encontro, aceitando o desvio e a deriva como percursos possíveis para a (re)configuração das práticas pedagógicas de um ensinar com desenho.

REFERÊNCIAS

ALVAREZ, Johnny; PASSOS, Eduardo. Cartografar é habitar um território existencial. *In*: PASSOS, E.; KASTRUP, V.; ESCÓSSIA, L. da (orgs.). *Pistas do método da cartografia: pesquisa-intervenção e produção de subjetividade*. 4ª Reimpressão. Porto Alegre: Sulina, 2015, p. 131- 149.

BARROS, Manoel de. Poemas Rupestres. 2ª Parte - Desenhos de uma voz: O lápis. (2004). *In*: *Poesia Completa/Manoel de Barros*. São Paulo: Leya, 2013, p. 407.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. **Mil Platôs: Capitalismo e esquizofrenia 2. Vol. 1.** Tradução de Ana Lúcia de Oliveira, Aurélio Guerra Neto e Célia Pinto Costa. São Paulo: Editora 34, 2011 (2ª edição).

_____; _____. **Mil Platôs: capitalismo e esquizofrenia 2. Vol. 4.** Tradução de Suely Rolnik. São Paulo: Editora 34, 2012. (2ª edição).

DERDYK, Edith. *Formas de pensar o desenho: desenvolvimento do grafismo infantil*. 5. ed. Porto Alegre, RS: Zouk, 2015.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 2011. 2ª impressão da 43ª edição.

GODOY, Ana. *A menor das ecologias*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2008.

GOHN, Maria da Glória. **Educação não formal na pedagogia social**. 2006. Disponível em: <http://www.proceedings.scielo.br/scielo.php?pid=MSC0000000092006000100034&script=sci_arttext>. Acesso em: 01 de ago. de 2017.

KASTRUP, Virgínia. O Funcionamento da atenção no trabalho do cartógrafo. *In*: PASSOS, E.; KASTRUP, V.; ESCÓSSIA, L. da (orgs.). *Pistas do método da cartografia: pesquisa-intervenção e produção de subjetividade*. 4ª reimpressão. Porto Alegre: Sulina, 2015, p. 32-51.

_____; PASSOS, Eduardo. Cartografar é traçar um plano comum. *In*: PASSOS, E.; KASTRUP, V. e TEDESCO, S. (orgs.). *Pistas do método da cartografia: a experiência da pesquisa e o plano comum*. Vol. 2. Porto Alegre: Sulina, 2014, p. 15 - 41.

LOPES, Denilson. Paisagens e narrativas. *In*: LOPES, Denilson. **A delicadeza: estética, experiência e paisagem**. Brasília: Editora UNB: FINATEC, 2007, p. 131-143.

MAISTRE, Xavier de. **Viagem em volta do meu quarto**. Tradução e organização de Sandra M. Stroparo. São Paulo: Hedra, 2009.

NETO, Fernando Augusto dos Santos. **F. Augusto viajamos para viver**: fotografias e desenhos. Londrina, PR: Midiograf, 2013.

PASSOS, Eduardo; KASTRUP, Virgínia; ESCÓSSIA, Liliana da (orgs.). **Pistas do método da cartografia**: pesquisa-intervenção e produção de subjetividade. Porto Alegre: Sulina, 2015.

_____; _____; TEDESCO, Sílvia. A experiência cartográfica e a abertura de novas pistas. In: PASSOS, E.; KASTRUP, V.; e TEDESCO, S. (orgs.). *Pistas do método da cartografia: a experiência da pesquisa e o plano comum*. Vol. 2. Porto Alegre: Sulina, 2014, p. 7-14.

PELLANDA, Nize Maria Campos. **Maturana & a Educação**. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2009. (Coleção Pensadores & Educação).

PEREIRA, Marcos Villela. **Estética da professoralidade**: um estudo crítico sobre a formação de professor. Santa Maria: Ed. da UFSM, 2013.

RANCIÈRE, Jacques. **O inconsciente estético**. Tradução de Mônica Costa Netto. São Paulo: Editora 34, 2009. 3ª reimpressão. 2018.

RAYCK, Diego. O desenho desenha a si – convulsão, potência e continuum no processo artístico. In. **Revista Palíndromo**, v.9, n.17, abril 2017, p.40-60.

SOLNIT, Rebecca. **A história do caminhar**. Tradução de Maria do Carmo Zanini. São Paulo: Martins Fontes – selo Martins, 2016.

STOLF, Maria Raquel da S. Laboratórios de escuta. *Aus Art Journal for Research* 3 (2015). 2, 2015, p. 203-215.

THORTON, Alan. **Artist, Researcher, Teacher**. Chicago: Intellect Bristol, 2013.

ÍNDICE REMISSIVO

A

Academia Imperial de Belas Artes 1, 2, 7, 8, 9, 10, 11

Análise acústica 12

Anos iniciais 214, 216, 219

Aprendizagem de docência 231, 238

Arte 1, 2, 3, 4, 5, 6, 7, 8, 9, 10, 11, 23, 24, 29, 30, 31, 34, 81, 82, 83, 84, 85, 86, 87, 88, 89, 90, 92, 100, 101, 104, 121, 130, 131, 132, 133, 135, 136, 143, 154, 163, 165, 166, 167, 168, 169, 170, 171, 172, 173, 174, 175, 176, 177, 199, 207, 208, 210, 212, 216, 217, 218, 220, 221, 222, 223, 224, 226, 227, 228, 229, 230, 234, 243

Arte participativa 81, 82, 83, 85, 86, 87, 88, 92

C

Calendário do som 70, 71, 77, 79, 80

Campos mórficos 81, 99

Contextos de aprendizagem da música 151

Criatividade 37, 40, 41, 44, 45, 46, 47, 51, 86, 130, 132, 133, 165, 172, 182, 198, 211, 215

Cultura 27, 34, 61, 63, 66, 68, 69, 80, 86, 88, 89, 101, 113, 116, 117, 118, 119, 120, 121, 122, 124, 128, 129, 139, 140, 141, 142, 143, 144, 146, 147, 148, 149, 150, 151, 159, 161, 165, 166, 167, 168, 169, 170, 171, 172, 173, 174, 175, 176, 182, 183, 190, 202, 204, 218, 225, 226, 229, 233, 237, 243

Cultura afro-brasileira 116, 118, 119, 120, 121, 129

Currículo 1, 118, 119, 120, 154, 155, 156, 178, 179, 180, 181, 183, 187, 188, 193, 219, 220

D

Design de moda 36, 37, 46, 47

Dimensões da musicalidade 207, 208, 210, 211, 212, 216, 217, 218

Diversidade cultural 116, 117, 118, 119, 126, 128, 221, 225, 229

E

Educação das relações étnico-raciais 139, 140, 143, 149

Educação musical 48, 49, 51, 52, 54, 55, 59, 60, 61, 66, 68, 69, 135, 136, 137, 139, 140, 142, 143, 149, 150, 151, 154, 155, 159, 160, 161, 162, 163, 179, 189, 190, 194, 195, 196, 197, 199, 200, 203, 205, 206, 207, 208, 210, 212, 215, 216, 217, 218, 219, 222, 231, 232, 233, 235, 236, 237, 240, 241, 242

Ensino-aprendizagem 53, 82, 99, 130, 131, 135, 166, 176, 234, 236, 240

Ensino artístico 1, 2, 10, 151, 152, 155, 156, 157, 158, 162

Ensino coletivo de violino 197, 198
Ensino de artes visuais 165, 166, 176, 177
Ensino de música 68, 69, 152, 158, 160, 163, 181, 183, 189, 190, 192, 197, 198, 206, 208, 210, 219, 222, 224, 226, 229, 237
Ensino de regência 178, 179, 187
Ensino do desenho 2, 102, 103, 104, 105, 107, 108, 113, 114
Ensino formal e não-formal 231
Ensino genérico da música 151
Ensino não formal 102, 110
Equilíbrio sonoro 12, 16, 17, 21
Escola 2, 3, 5, 6, 10, 11, 14, 21, 24, 25, 52, 54, 55, 82, 84, 85, 87, 88, 89, 92, 100, 110, 116, 117, 119, 120, 121, 122, 123, 124, 125, 126, 127, 128, 131, 143, 147, 148, 154, 155, 157, 158, 159, 163, 197, 198, 199, 200, 201, 202, 203, 204, 205, 208, 210, 218, 219, 221, 222, 224, 225, 226, 228, 230, 232, 234, 236
Escola rural 197, 199, 200
Estágio 38, 53, 191, 231, 233, 234, 235, 236, 238, 239, 240, 242

F

Festival de música contemporânea brasileira 70, 80
Flauta transversal 12
Formação e atuação em educação musical 48
Formação musical 48, 49, 56, 157, 159, 182, 189, 199, 224
Frevo 70, 71, 72, 73, 75, 76, 79

G

Gestão por processo 36, 38, 39, 42, 45

H

Hélio Oiticica 29, 81, 82, 84, 85, 86, 89, 101
Hermeto Pascoal 70, 71, 72, 74, 79, 80
História africana 116
História da arte 1, 2, 3, 4, 6, 9, 10, 29, 85, 86, 165, 166, 167, 168

I

Identidade 42, 59, 60, 61, 65, 66, 68, 69, 95, 106, 112, 139, 140, 141, 142, 144, 145, 146, 147, 148, 149, 150, 193
Inclusão 29, 130, 144, 155, 190, 192, 196
Integração 37, 56, 57, 81, 85, 86, 92, 98, 105, 112, 130, 132, 153, 156, 159, 182, 190, 234,

Intergeracionalidade 59, 60, 61, 63, 67

L

Licenciatura em música 130, 131, 135, 178, 179, 182, 184, 185, 186, 187, 188, 189, 191, 193, 198, 206, 231, 232, 233, 234, 235, 239

Lygia Clark 81, 82, 85, 94, 97, 98, 100, 101

M

Memórias afetivas 81, 92, 93, 94

Metodologia 4, 9, 24, 31, 37, 41, 43, 45, 47, 50, 82, 87, 100, 105, 130, 131, 135, 137, 138, 143, 179, 184, 185, 186, 191, 192, 193, 199, 201, 202, 231, 233, 240

Metodologias experimentais 23

Música 12, 13, 14, 15, 16, 20, 21, 35, 48, 49, 50, 51, 52, 53, 54, 56, 59, 60, 64, 65, 66, 67, 68, 69, 70, 71, 79, 80, 92, 130, 131, 132, 133, 134, 135, 137, 143, 145, 146, 147, 148, 149, 150, 151, 152, 153, 154, 155, 156, 157, 158, 159, 160, 161, 162, 163, 178, 179, 180, 181, 182, 183, 184, 185, 186, 187, 188, 189, 190, 191, 192, 193, 194, 195, 196, 197, 198, 199, 200, 201, 202, 203, 204, 205, 206, 208, 210, 211, 212, 213, 215, 216, 218, 219, 220, 221, 222, 223, 224, 225, 226, 227, 228, 229, 230, 231, 232, 233, 234, 235, 236, 237, 238, 239, 240, 241, 242

Música mista 12, 14

Musicologia 70

N

Negros 30, 116, 117, 118, 119, 120, 122, 124, 127, 128, 141

P

Paul Ricœur 70, 71

Pedagogia das encruzilhadas 23, 24, 26, 35

Prática docente 49, 102, 103, 105, 107

Prática pedagógica 29, 110, 116, 192, 227

Prática profissional 48, 55

Produção do conhecimento 36, 41, 42

Projeto de extensão universitária 48

Projeto social 189, 192, 195, 231, 233, 240

T

Terceira idade 63, 165, 166, 176, 177

Transtextualidade 70

V

Voluntariado 59, 60, 61, 62, 64, 65, 67

W

Walter Benjamin 23, 26, 29, 34, 35

ARTE E CULTURA:



Produção, Difusão e Reapropriação

2

www.atenaeditora.com.br 

contato@atenaeditora.com.br 

@atenaeditora 

www.facebook.com/atenaeditora.com.br 

 **Atena**
Editora

Ano 2021

ARTE E CULTURA:

Produção, Difusão e Reapropriação

2



www.atenaeditora.com.br 

contato@atenaeditora.com.br 

[@atenaeditora](https://www.instagram.com/atenaeditora) 

www.facebook.com/atenaeditora.com.br 

 **Atena**
Editora
Ano 2021